



Conhecimento ecológico das catadoras de mangaba: diversidade e manejo sustentado no povoado Caueira, SE.

Ecological Knowledge of collectors in mangaba: diversity and sustainable management in the village Caueira, SE

DALMORA, Eliane¹; SILVA, Jailton Bispo².

¹ Professor; Instituto Federal de Sergipe, edalmora@ig.com.br; ² Estudante; Instituto Federal de Sergipe, ja-chato@hotmail.com

Seção Temática: **Sócio biodiversidade e Território**

Resumo

O conhecimento ecológico das catadoras de mangaba *Hancoria speciosa* Gomes revela uma adaptação a ecossistemas frágeis, garante alimento e renda as famílias. A rusticidade da mangaba é resultado de sua adaptação a solos arenosos de baixa fertilidade e a períodos de estiagem. Visa-se caracterizar as bases ecológicas de manejo e a dinâmica de trabalho e renda efetuadas pelas catadoras de mangaba de Itaporanga D'Ajuda. Foram realizadas 30 entrevistas semi-estruturadas, debates, caminhadas transversais e perfil histórico. Mulheres se dedicam a colheita seleção e comercialização (direta ou via atravessador) e os tratos culturais são manuais realizado pelos homens. No manejo não há utilização de queimadas, inseticidas, herbicidas e adubos químicos. O extrativismo da mangaba praticado no local é sustentável, pois gera renda, autonomia de insumos, biodiversidade e adaptação ecossistêmica. O conhecimento local agregado é dinâmico e consubstanciado no respeito ao ecossistema e a alimentação saudável.

Palavras-chave: catadoras de mangaba; extrativismo sustentado; agrobiodiversidade, agroecossistemas; autonomia local.

Abstract:

The ecological knowledge of collectors in mangaba *Hancoria speciosa* Gomes shows an adaptation to the fragile ecosystems, ensures food and income families. The rusticity of mangaba is a result of their adaptation to the sandy soils of low fertility, and periods of drought. Aim is to characterize the ecological bases of management and the dynamics of work and income made by collectors mangaba of Itaporanga D'Ajuda. Were conducted 30 semi-structured interviews, debates, hiking and cross-historical profile. Women devote themselves to crop selection and marketing (direct or via middleman) and cultivation has the support of men. The management there is no use of burned, insecticides, herbicides and chemical fertilizers. The extractivism mangaba practiced on site is sustainable: generates income, autonomy of inputs, biodiversity and ecosystem adaptation. The local knowledge household is dynamic and concretized in respect to the ecosystem and the healthy food.

Keywords: collectors mangaba; sustainable extractivism; agrobiodiversity, agroecosystems; local autonomy.



Introdução

O conhecimento local é o resultado da interação de uma população nos ecossistemas, que sob determinado modo de apropriação obtém subsistência, autonomia alimentar e renda. Ao longo do tempo, visando aperfeiçoar a forma de obter recursos de extração os povos locais desenvolveram adequações no manejo e nas técnicas, considerando as potencialidades de cada ecossistema. O respeito à dinâmica local garantiu a produção ao longo do tempo refletindo na autonomia familiar das comunidades e no constante aperfeiçoamento do extrativismo, agricultura e a pesca. O conhecimento ecológico local é continuamente modificado e se expande com as novas experiências; é testado e adaptado à cultura e ao meio ambiente local. (FAO, 2005). Dinâmico e evolutivo o conhecimento local não está confinado, englobado nas práticas da comunidade e instituições, passa a ser consensual, propriedade da coletividade se consolida ao ser incluído nos rituais praticados pela etnia como ressalta Toledo e Barrera-Bassols (2009, p.39): “albergam um repertório de conhecimento ecológico que geralmente é local, coletivo, diacrônico, sincrético, dinâmico e holístico”.

Entre as populações locais que preservam a sua identidade cultural é comum práticas de manejo com resultado favorável a conservação e atingindo bons índices de sustentabilidade, mesmo que nos seus discursos não se manifestam preocupações mais amplas com a conservação do ambiente (BERKES et al., 1998). Trata-se de um conhecimento prático e objetivo, distante da oratória do homem moderno. Na dimensão da práxis os instrumentos que utilizam e a forma como se inserem no mercado resulta em eficiente integração das atividades humanas à conservação do recurso explorado (HANAZAKI, 2003). Agricultores que observam a especificidade da reprodução espontânea, a produção de mudas e trazem o simples manejo extrativista para um manejo sustentado, o qual implica na escolha de sementes e o replantio, assim agricultores usam e conservam a agrobiodiversidade, num processo que se renova no tempo. (BOEF, STHAPIT, UPADHAYA, SHRESTHA, 2007).

No povoado Caueira a atividade de extração e manejo de mangaba *Hancoria speciosa* Gomes era realizada por famílias proprietárias de pequena extensão de terras, que tradicionalmente se dedicavam a pesca, coleta, extração de frutas, criação de gado e cultivo de coco. São populações que residiam no local a várias gerações, portanto desenvolveram o conhecimento local visando acessar os recursos dos ecossistemas. A fruta da mangaba passou a ser valorizada como produto de mercado nos últimos 30 anos. Contudo, o conhecimento local que favoreceu o manejo extrativista foi resultado de pelo menos duas gerações de pessoas que residem na mesma terra e começaram a desenvolver hábito de consumo da fruta. A sua valorização mais recente, teve relação com o desenvolvimento turístico e as facilidades de acesso rodoviário as feiras regionais (Lagarto, Itaporanga D`Ajuda e Aracaju). Neste



contexto o objetivo do trabalho foi de caracterizar o conhecimento local, identificando as bases ecológicas de manejo e a dinâmica de trabalho e renda efetuadas pelas catadoras de mangaba do Povoado Caueira.

Metodologia

O povoado Caueira pertence ao município de Itaporanga D'Ajuda de Sergipe, composto de restinga arbórea, manguezais, dunas, mata ciliar e com enclaves de Mata Atlântica está localizado nas formações sedimentares do quaternário, baixada litorânea, com planícies aluviais, terraços aluviais e várzeas fazendo ligação com o rio Vaza- Barris (ARAUJO FILHO, 1999).

Para a caracterização da agrobiodiversidade serão utilizadas as seguintes ferramentas participativas: reuniões de acompanhamento do projeto; diálogos interativos; percorridas nos lotes com observações e acompanhamento dos tratos culturais e colheita; caminhada transversal, entrevistas semi-estruturadas e a lista de agrobiodiversidade (identificando origem, tratos culturais e alimentação).

Resultados e discussões

As terras ocupadas pelas populações locais apresentaram duas características ecossistêmicas: as terras baixas da restinga, de influência marítima e as terras com relevos levemente ondulados. As terras baixas tendem a ficar alagadas no inverno, mas no movimento das dunas apresentam elevações, tornando passível o uso para o desenvolvimento dos coqueiros e do gado. Neste último ecossistema, ao realizar a caminhada transversal, a população local enumerou as seguintes plantas por elas nominadas: cajueiro mirim, ingá lisa, ingá de cabelo, oroba, umbaúba e araçá. Pelas características trata-se da Floresta perenifólia de restinga dominada pelo *Anarcadium occidentale* L. (cajueiro) (ARAUJO FILHO, 1999).

Conforme os depoimentos da população local a mangaba não ocorria no local, mas os animais foram trazendo as sementes e a proliferação foi espontânea. Contudo se desenvolveu nos topos protegidos das enxurradas e nas superfícies mais distanciada do lençol freático, localizadas entre a restinga, as lagoas e os mangues, pois segundo eles a planta não suporta a "friagem". Nesta mesma condição da mangaba, a vegetação arbórea predominante é composta de: murici arbustiva (de galinha), a murici arbóreo (de raposa), cajueiro doce, cajueiro azedo e bula cinza ou lixeira. Em levantamento florístico, na área de abrangência dos Tabuleiros Costeiros, Araujo Filho (1999), identificou estas como plantas próprias do cerrado, correspondendo às seguintes espécies: *Curatella America* L. (lixeira), *Brysonima cidoaefolia* Juss. (murici); *Anacardium occidentale* L. (cajueiro) e *Hancoria speciosa* Gomes (mangabeira).



Os populares registram nesta mesma área a ocorrência de espécies de outros ecossistemas como o angelim, jenipapinho, manupulsá, amesca. Nestes casos Araujo Filho et al. (1999) adverte: a é provável a ocorrência de formações transacionais com spp comuns a dois ou mais ecossistemas distintos. Um inventário florestal com base na etnoecologia poderá trazer maior confiabilidade para o registro do conhecimento ecológico local, indo além da mera listagem de plantas, mas que indique o uso popular e a dinâmica de adaptação das plantas e animais, como estratégia de conservação. Recentemente há valorização dos frutos dos quintais, tais como o caju, murici e manga e são comercializados na frente das casas quando os lotes fazem limite com a rodovia de acesso litorâneo. Consiste em uma biodiversidade funcional que se reproduz para gerar alimentos, remédios e rendas, e, gradativamente, passa a ser parte inerente dos valores sociais e culturais da comunidade (BOEF, 2007).

A extração da mangaba é predominantemente realizada por mulheres, segunda Mota (2008), autodenominadas catadoras de mangaba no nordeste. O extrativismo de mangaba é uma realidade no litoral sergipano e se caracteriza por ser parte de um manejo de baixo impacto ambiental (MOTA, 2008). As práticas de manejo adotadas pelas catadoras denotaram uma compreensão das condições do ambiente que propiciaram o predomínio da mangaba no local. Desde jovens as crianças foram envolvidas na atividade de catar mangaba acompanhando homens e mulheres assim compartilhando na família o aprendizado.

Os instrumentos de manejo utilizados foram: gadanho, foice e enxada na limpeza das plantas espontâneas e uma vara com um gancho na ponta para colheita que permite os cuidados para que os frutos não danifiquem. Outro cuidado adotado foi o de evitar a quebra de galhos, pois prejudica a produção de frutos nos anos seguintes e favorece o desenvolvimento de doenças e pragas e pode levar a morte da planta (LIMA, 2010). A colheita era realizada diariamente, pois a floração e a frutificação eram irregulares e os frutos quando colhidos não bem formados ficavam inviáveis para o consumo. Como extrativistas mantinham a lógica de não utilizar insumos externos, não fazer fogo ou usar herbicidas, inseticidas e adubos químicos. De um modo geral nos depoimentos não manifestaram preocupações com possíveis ocorrências de insetos e doenças causadoras de danos a cultura. Ao realizar as roçadas e capinas manuais os extratores incorporavam a vegetação espontânea na coroa das árvores, o que denotou ser suficiente para a continuidade da produção; as (os) catadoras (es) não observaram, em ensaios, respostas positivas com a adubação química; porém há outros relatos de melhora com o uso de adubo orgânico na fase inicial das plantas regeneradas.

A principal ameaça ao processo de continuidade da extração de mangaba foi a divisão das terras por herança e a expansão turística que afetavam as áreas de ocorrência natural pelas construções e a dinâmica econômica das famílias,



com o crescimento do setor de serviços geralmente de domésticas e pedreiros. Entretanto não houve indícios de perdas causadas pela introdução de plantas melhoradas, com a substituição de genes de plantas cultivadas e a substituição das variedades locais por novas (BOEF, 1997), como ocorreu com outras frutíferas presentes no local (coco e cajueiro). Percebeu-se que a planta continua evoluindo com o ecossistema mantendo os mesmos mecanismos de regeneração espontânea. No conhecimento popular havia clareza da importância medicinal do leite de mangaba. Porém, somente algumas mulheres realizavam esta extração, respeitavam os cortes feitos com critério, na quantidade e na espessura adequada de até ½ cm de espessura para não levar a morte da árvore (LIMA, 2010). As mangabeiras revelaram clareza de que esta prática deve ser contida em pequena escala, porém temem que o mercado venha tencionar a extração sustentada do leite de mangaba. Da mesma forma não houve uma ameaça quanto ao conhecimento local de manejo da espécie, pela inexistência de programas de extensão que incentivassem as práticas predatórias da agricultura convencional.

Conclusões

Um conjunto de práticas favoráveis a sustentabilidade foram identificadas junto aos catadores (as). Envolvem os cuidados na colheita tratos culturais, conhecimento da fisiologia dos frutos, exigências nutricionais e manejo das plantas espontâneas. Como se trata de espécies pioneiras a propagação por sementes e em condições de solo de baixa fertilidade, garantiram a população a oferta abundante de frutos, sem a necessidade de maiores tratos culturais.

As mangabeiras que são manejadas é resultado da valorização comercial e alimentícia da mangaba, sua manutenção depende da participação ativa dos agricultores no processo, que é contínuo e dinâmico. Neste sentido pode-se concluir que o manejo extrativista das mangabeiras foi até então constituído sob bases sustentáveis.

Referências bibliográficas

- ARAUJO FILHO, José Coelho de et. al. **Levantamento de reconhecimento de média de Intensidades dos solos da região dos Tabuleiros Costeiros e Baixada Litorânea do Estado de SE.** Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 1999.
- BOEF, E.S. Biodiversidade, agricultura e conservação: conceitos e estratégias. In: BOEF, E.S., THIJSEN, M.H., OGLIARI, J.B., STHAPIT, B.R. (org.) **Biodiversidade e Agricultores: Fortalecendo o manejo comunitário: L&PM**, 2007, Cap.2, p. 35-59.
- BOEF, W. S. de; STHAPIT, Bhuwon; UPADHAYA, Madhusudan e SHRESTHA, Pretap. Estratégias de conservação em unidades de produção familiares. In:



BOEF, Walter Simon de. **Biodiversidades e agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

HANAZAKI, N. **Comunidades, conservação e manejo**: o papel do conhecimento ecológico local. Biotemas, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 23-47, 2003.

MACHADO, Altair T. Biodiversidade e agroecologia. In: BOEF, Walter Simon de. **Biodiversidades e agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

FAO. Interação do gênero, da agrobiodiversidade e dos conhecimentos locais ao serviço da segurança alimentar. Manual de formação, 2005.

LIMA, Isabela Lustz Portela; SCARIOT, Aldicir. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável da Mangaba**. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010. 68 p.

MOTA, D. M.; SVHMITZ, H.; SILVSA JÚNIOR, J. F; FERNANDES, T. **Revista Agr. Fam.** Belém, n.5/8, p.53-70, 2005/2008.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In:

Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Curitiba: Editora UFPR.